



Flor do Carmelo

Boletim informativo da Ordem Secular dos Carmelitas Descalços

N.º 10 - 2003

Uma só Ordem com o mesmo Carisma

Nós, Padres Carmelitas, fomos descobrindo, ao longo destes anos, que não monopolizamos o nosso próprio carisma. Chegámos à conclusão, pelo menos a nível de cúpulas, que o nosso carisma deve ser compartilhado com os leigos, ou seja, que há pessoas chamadas a viver *laicamente* o próprio do nosso carisma.

Quem teve a graça de participar nos dois Congressos Internacionais da Ordem Secular deu-se perfeitamente conta disto. O Congresso de Roma (1996), convocado com alguma timidez, talvez por ser o primeiro, excedeu todas as expectativas. E o do México (2001), então, não se diga nada. Neste último participaram 167 elementos, vindos de 38 países e que representavam cerca de 40.000 membros da Ordem Secular.

O lema deste Congresso era o seguinte: “Uma só Ordem com o mesmo Carisma”. Aqui os leigos carmelitas da Ordem Secular afirmaram pertencer, de pleno direito, ao Carmelo Teresiano como os Padres e as Irmãs Carmelitas de clausura. Juridicamente pertencem à mesma Ordem: já não há Carmelitas de primeira, de segunda e de terceira.

É hora, portanto, de promover o nosso laicado; e devemo-lo fazer, não por razões externas – porque somos cada vez menos e mais velhos ou porque estamos na era da globalização –, mas por fidelidade ao próprio carisma. Seria temerário e desprovido de senso teológico, querer resolver cada um isoladamente os seus próprios problemas e responder adequadamente à sua missão na Igreja.

A participação dos nossos leigos não se deve dar simplesmente na missão mas também no discernimento dessa mesma missão, ou seja, do carisma que informa essa missão. Os desafios que se colocam hoje à Igreja são de tal maneira empenhativos que exigem de cada Ordem religiosa o discernimento permanente do carisma.

O carisma não é algo estático, mas uma realidade viva, e como tal sujeita às leis da vida. A fidelidade ao

carisma supõe a procura de “formas adequadas para um testemunho capaz de responder às exigências actuais, sem se afastar da inspiração inicial” (VC 37). Para isso é necessário o espírito de iniciativa e criatividade aliado à mais genuína tradição da Ordem. Teresa de Jesus chama-nos a atenção para este carácter dinâmico da Reforma: “Agora começamos e procurem ir começando sempre de bem em melhor”.

Como diz o Papa João Paulo II: “O Carisma não é posse material ou herança assegurada de uma vez para sempre. É uma graça do Espírito, que exige de vós fidelidade e criatividade, em comunhão com a Igreja, mostrando-vos sempre atenção às suas necessidades. A todos vós que sois filhos e irmãos, discípulos e seguidores de Santa Teresa de Jesus e de São João da Cruz, *recordo-vos que a vossa vocação é motivo de grave responsabilidade, mais do que de glória*”.

O Carmelo Teresiano sempre teve, desde as suas origens, grupos de leigos comprometidos na vivência do seu carisma e espiritualidade a partir da sua vocação e missão. À volta dos nossos fundadores movia-se um grupo de leigos que os procuravam, não só para os ajudar na sua obra, mas também para se alimentarem da sua espiritualidade. Facilmente disto se apercebe quem folheie as cartas da Santa Madre. Também é curioso observar como a *Chama viva de amor* do Santo Padre está dirigida a uma leiga.

A visão que nós, Padres, temos deste laicado associado talvez ainda esteja condicionado por uma visão de Igreja em que existia uma clara separação entre o clero, religiosos e religiosas por um lado e os leigos por outro. O Concílio Vaticano II e documentos do magistério que a ele se seguiram marcaram uma nova época na

vida da Igreja. A partir do Concílio nasceu uma nova mentalidade e o reconhecimento dos leigos como membros responsáveis na vida e missão da Igreja.

As iniciativas a nível de Ordem que englobam todos os seus membros ainda são muito tímidas. É preciso criar mentalidade. Este número de FLOR DO CARMELO, todo ele dedicado ao tema, quer dar o seu contributo.

P. Jeremias Carlos Vechina



A Igreja da Trindade

Os desafios que hoje se colocam à Igreja são de tal ordem que não se podem enfrentar na dispersão. A sua missão é de tal maneira exigente que temos que unir esforços e trabalhar em colaboração com todos os membros da Igreja. E esta colaboração deve dar-se tanto no discernimento como na acção. Nós, os Carmelitas, temos que "alargar o espaço da nossa tenda" (Is 54, 2) e dar entrada aos nossos leigos já comprometidos na vivência do mesmo carisma. E esta comunhão no mesmo carisma deve levar-nos também à comunhão na missão.

E este "estreitar relações" não deve acontecer por uma exigência circunstancial, porque os religiosos somos cada vez menos ou porque estamos na era da globalização, mas por uma exigência do nosso ser Igreja. Se queremos falar com fundamento de comunhão entre religiosos e leigos e da participação na mesma missão temos que remar rio acima até chegar à fonte de onde mana a água a borbotões. E essa fonte é a Santíssima Trindade onde Tudo é de todas as Pessoas e todas são para o ser humano.

O Espírito Santo, origem de todos os carismas, sempre criativo soprou fortemente sobre as cinzas de uma comunhão meio apagada, e apareceu, no Concílio Vaticano II, uma *Igreja de Comunhão*. Sentiu-se um fogo que queimava o protagonismo de uns e o egoísmo de outros, bem como a auto-suficiência e tiques de superioridade de uns quantos que não necessitavam de ninguém.

E a Santíssima Trindade não só está na origem de toda a comunhão e relação mas também é o seu modelo único. "O Deus dos cristãos não é um Deus solitário, mas um Deus que vive em comunhão do amor do Pai e do Filho e do Espírito Santo".

E esta comunhão não é estática nem fechada sobre si mesma. Pai, Filho e Espírito Santo constituem uma unidade dinâmica. As três divinas pessoas são iguais, mas essa igualdade dá-se não na uniformidade, mas na diferença e na relação entre elas: "Adoramos três pessoas distintas de única natureza e iguais em dignidade".

E o Pai, o Filho e o Espírito Santo são "concordes na Trindade", e, precisamente naquilo que os distingue. Portanto, a harmonia na Trindade vem precisamente da diferença entre as Pessoas. A comunhão trinitária "faz-se" da diferença e não da uniformidade.

A Trindade não é uma comunhão terminada, mas sim uma comunhão que eternamente "se faz" pela participação de cada Pessoa na vida da Santíssima Trindade. Cada uma participa conforme as suas propriedades. Sem participação não existe comunhão. Comunhão que não é subordinação. Nem o Filho nem o Espírito Santo estão subordinados ao Pai.

O Concílio Vaticano II resgatou a realidade da Igreja como *mistério de comunhão*, que não é algo novo, mas simplesmente algo que se tinha esquecido.

Os Santos Padres concebiam a Igreja como o "nós" de todos os baptizados. Era este o modelo de Igreja que se remonta aos primeiros séculos e que emergia da Sagrada Escritura, dos Santos Padres, da liturgia, do movimento ecuménico e da acção pastoral da Igreja que incorporava os leigos.

A Igreja é obra da Trindade, ou seja, um povo em comunhão, "povo reunido em virtude do Pai, do Filho e do Espírito Santo".

Tertuliano escreveu de uma forma bonita: "Onde estão os três, ou seja, o Pai e o Filho e o Espírito Santo, ali está a Igreja que é o corpo dos três".

A Igreja vem a ser a extensão misteriosa da Trindade no tempo. A Igreja nasce da Trindade, está cheia da Trindade e tem as suas raízes na Trindade.

O Pai está numa relação permanente com o Filho e o Filho com o Pai, de tal maneira que, se por uma hipótese, o Pai deixasse de relacionar-se com o Filho e o Filho com o Pai deixaria de existir a Santíssima Trindade. Por isso mesmo as Pessoas divinas definem-se como relações subsistentes. Comunhão e relação é a maneira de ser de Deus e a maneira de nos realizarmos como pessoas, uma vez que somos "criados à Sua imagem e semelhança". A comunhão teologal é a fonte e origem da comunhão fraterna.

Esta comunhão eclesial que brota da comunhão trinitária, é a comunhão de todos os baptizados, fundada na idêntica dignidade, única e insuperável, que todos possuem: a dignidade de filhos de Deus.

Esta comunhão constitui a base de uma comunidade organicamente estruturada. Nem todos têm os mesmos carismas nem devemos realizar as mesmas funções ou serviços. A comunhão eclesial deve juntar as pessoas que possuem estes carismas para edificação da mesma Igreja. Esta unidade de todos na missão comum não se opõe à diversidade de funções, pelo contrário. Como na Trindade, cada uma das Pessoas é distinta e actua distintamente.

Nesta comunidade organicamente estruturada entramos pelo baptismo que nos incorpora a Cristo e unidos pelo Espírito ficamos constituídos membros vivos deste Povo de comunhão, comunhão não só com a hierarquia, mas com toda a Igreja. Isto quer dizer que não pode haver membros mortos na Igreja viva. Todos são responsáveis e participantes.

Na Igreja não há uma comunhão activa e outra passiva. Enquanto na Igreja houver uma parte activa e outra passiva, uma que fala e outra que consente, uma que decide e outra que, sem mais, cumpre, uma que pensa e outra que recebe o pensado para executar, não temos *Igreja de Comunhão*. Na Igreja de Deus todos temos necessidade uns dos outros. E o que dizemos a respeito da Igreja dizemos do Carmelo.

O Carmelo tem uma missão a desempenhar na Igreja. E o Carmelo não são só os Padres, nem só as Irmãs de clausura. Os leigos, juridicamente unidos à Ordem, também fazem parte do Carmelo. Ninguém pode responder por separado, nem ninguém pode responder por todos.

A eclesiologia de comunhão exige de nós uma mudança de atitude.

Da "Igreja comunhão" à comunhão na Igreja

Os desafios que se colocam hoje à missão da Igreja são tais que não podem ser enfrentados eficazmente sem a colaboração de todos os seus membros. Nenhum indivíduo isoladamente possui a resposta decisiva. Esta, pelo contrário "pode brotar da confrontação e do diálogo". E esta comunhão de acção já se está a fazer entre os vários carismas, o que não deixará de garantir um enriquecimento recíproco e uma maior eficácia na missão. Como diz o Papa, o "diálogo é o novo nome da caridade" e principalmente da caridade eclesial.

Abertura a outros carismas

Hoje nenhum carisma, – que é o mesmo que dizer Instituto – só por si pode responder às suas exigências. A eclesiologia de comunhão exige a abertura dos carismas uns aos outros: "A comunhão que os consagrados e as consagradas são chamados a viver ultrapassa a própria família religiosa ou o próprio Instituto. Abrindo-se à comunhão com os outros Institutos e às outras formas de consagração, podem dilatar a comunhão, redescobrir as raízes evangélicas comuns, e, juntos, entender com maior clareza a beleza da própria identidade na variedade carismática, como ramos da única videira. Deveriam competir na estima recíproca (cfr. Rom 12, 10) para alcançar o melhor carisma, a caridade (cfr. 1Cor 12, 31)" (*Partir de Cristo* 30).

Hoje entende-se muito melhor que antes a confissão emocionada e agradecida de S. Bernardo: "Eu admiro todas [as Ordens religiosas]. Pertencço a uma delas pela observância, mas a todas na caridade. Todos temos necessidade uns dos outros: o bem espiritual que eu não possuo, recebo-o de outros [...]. Neste exílio a Igreja está ainda a caminho e, se posso assim falar, é plural: uma pluralidade múltipla e uma unidade plural. E todas as nossas diversidades, que manifestam a riqueza dos dons de Deus, subsistirão na única casa do Pai onde há muitas moradas. Agora há divisão de graças, então haverá uma distinção de glórias. A unidade tanto aqui como lá, consiste numa mesma caridade".

"Já não é possível enfrentar separados o futuro. Urge a necessidade de ser Igreja, de viver juntos a aventura do Espírito e do seguimento de Cristo, de comunicar a experiência do Evangelho, aprendendo a amar a comunidade e a família religiosa do outro como própria. As alegrias e as dores, as preocupações e os sucessos podem ser partilhados e são de todos".

Partir de Cristo 30

Abertura a outras formas de vida

E este diálogo e comunhão que a Igreja pede diz respeito também às novas formas de vida evangélica. Estas, recorda *Vita consecrata*, "não são uma alternativa às anteriores

instituições, que continuam a ocupar o lugar insigne que a tradição lhes conferiu. [...] Os antigos Institutos, muitos deles provados por dificuldades duríssimas suportadas com fortaleza ao longo dos séculos, podem enriquecer-se entrando em diálogo e permuta de dons com as fundações que surgem no nosso tempo" (VC 62).

"Um dos frutos da doutrina da Igreja como comunhão, nestes anos, foi a tomada de consciência de que os seus vários membros podem e devem unir forças, numa atitude de colaboração e permuta de dons, para participar eficazmente na missão eclesial. Isto concorre para dar uma imagem mais articulada e completa da própria Igreja, para além de tornar mais eficiente a resposta aos grandes desafios do nosso tempo, graças ao concurso harmonioso dos diversos dons" (VC 54).

Todos são necessários

A partir duma Igreja de Comunhão todos somos necessários e ninguém pode abdicar da sua responsabilidade. Aquilo que uma pessoa não faça, outra não o fará por ela. Não pode haver membros mortos num corpo vivo. E cada leigo, diz João Paulo II, tem "uma tarefa original, insubstituível e inegável, que deve levar a cabo para o bem de todos" (ChL 28) e "que ninguém pode substituir" (ib., 7).

Sem os leigos a Igreja não está verdadeiramente formada nem pode cumprir adequadamente a sua missão. A comunhão para a missão é privilégio e dever de todos. A participação e colaboração dos leigos não é uma estratégia pragmática motivada pela diminuição de efectivos. Tão-pouco é uma concessão da hierarquia para calar essa "maioria silenciosa" dos leigos que começa a despertar. É uma exigência do seu compromisso baptismal. É preciso abrir caminhos de preparação e corresponsabilidade para o nosso laicado. E não só na etapa de execução mas também na etapa fundamental de discernimento concreto das exigências da missão.

Diante de nós estende-se um horizonte vasto e promissor. A situação alarmante que cria um secularismo que sacode devastadoramente estruturas e instituições, leis, impregnando-as de "valores" antievangélicos, a pobreza inumana e injusta que marginaliza a multidões da festa do banquete de fraternidade que Deus quer para os seus filhos, a escassa implantação da Igreja em certos espaços humanos como a política, os meios de comunicação social, a família, etc., permite-nos suspeitar aquilo que para o futuro da Igreja e do mundo podem significar os leigos, que, conscientes do seu compromisso baptismal, se incorporam com entusiasta coerência à missão de transformar o seu mundo "desde dentro" como fermento do Evangelho.

Desde uma Igreja de comunhão, compreende-se que nenhum carisma tem sentido em solitário. Por isso é necessário, como afirma o Papa, que tomemos consciência de que todos podemos e devemos "unir as forças, numa atitude de colaboração e permuta de dons, para participar mais eficazmente na missão eclesial" (VC 54).

E a partir desta "comunhão-união" será fácil responder eficazmente aos grandes desafios do nosso tempo.

Companheiros na missão

Os religiosos foram descobrindo que não monopolizam os próprios carismas. Hoje chegaram à convicção que o seu carisma pode ser compartilhado com os leigos, ou seja, que há pessoas chamadas a viver *laicamente* o próprio dos seus carismas.

Como questão prévia, é preciso afirmar que tanto a uns como a outros (religiosos e leigos) se lhes exige ter clara a sua própria identidade e originalidade eclesial. Porque não haverá colaboração eficaz onde há confusão, onde ninguém sabe quem é e para o que serve, ou seja, não há que “laicizar” os religiosos nem “religiosizar” os leigos.

E compartilhar a missão com os leigos é muito mais profundo que o simples colaborar. “Quem se disponha a compartilhar que se disponha a mudar, porque não se trata de dar ao pobre mendigo leigo as migalhas que caem da mesa da nossa espiritualidade. Na autêntica relação todos mudamos”. Portanto, os leigos são *companheiros de missão*, e isto exigirá aos religiosos uma atitude de abertura, respeito e valorização e dar os passos necessários para aceitar e agradecer a sua colaboração desde o propriamente “laical”, com esse olhar que pode descobrir o que eles não percebem desde o seu horizonte de religiosos.

Isto para os religiosos supõe um autêntico êxodo: terão que sair das suas seguranças, das suas rotinas para irem ao encontro dos leigos que vão até eles sem perderem a sua identidade, com o fim de pensar juntos e iniciar uma nova forma de viver a missão e desenvolver o carisma. Haverá que abrir espaços de autonomia em comunhão para que possam ser eles mesmos, não intentando falsas seguranças, nem escondendo complexos de superioridade ou manipulações.

Não se pode entender a relação dos religiosos com os leigos em clave de poder mas de serviço, de diálogo, de abertura e de respeito. Os religiosos não vivem da sua auto-afirmação, mas da correlação.

Os leigos estão a sair de um estacionamento generalizado. *Reconhecer a sua maturidade, em gestos de participação, opinião e corresponsabilidade não é demagogia, é comunhão.*

Os religiosos, portanto, devem compartilhar a missão com os leigos, mas não haverá missão compartilhada se não houver vida partilhada. Para isso têm que se meter na caravana dos homens e mulheres do seu tempo que peregrinam carregados de problemas, inquietações e esperanças, mas que têm as mesmas ânsias de perfeição. É aí, na relação com os leigos, onde os religiosos conhecem a vida, e não nos livros.

Os religiosos, portanto, devem viver metidos no mundo, mas não perdidos no mundo. Somente se uns e outros compartilhem a vida serão capazes de compartilhar eficazmente a missão.

Religiosos e leigos enriquecem-se mutuamente

A relação mútua de complementaridade indica-nos que é este um caminho de dupla direcção.

A Vida Religiosa tem que compartilhar gozosamente o seu carisma e espiritualidade para além das fronteiras do Instituto. O carisma tem que se abrir, entregar e expandir. Somente assim se poderá manter vivo e revitalizante. Com a presença e participação dos leigos no carisma, a vida religiosa não só se sente desafiada mas também enriquecida e a sua missão potenciada.

Efectivamente, para servir os leigos, os religiosos devem levar ao extremo a sua criatividade e energia. E ver-se-ão confrontados com o desafio de viver mais plenamente a sua própria identidade; quanto mais intensamente se viva a experiência dos conselhos evangélicos, mais poderosamente se contagiará do espírito das Bem-aventuranças para transformar o mundo segundo o coração de Deus. Já o Papa João Paulo II chama a atenção: “Estes [os leigos], movidos pelos exemplos de santidade das pessoas consagradas, serão introduzidos na experiência directa do espírito dos conselhos evangélicos e, dessa forma, encorajados a viver e testemunhar o espírito das bem-aventuranças, tendo em vista a transformação do mundo segundo o coração de Deus” (VC 55).

“A comunhão experimentada entre os consagrados leva a uma abertura ainda maior, em relação a todos os outros membros da Igreja. O mandamento de nos amarmos uns aos outros, vivido no seio da comunidade, deve ser transferido do plano pessoal para o das diferentes realidades eclesiais. Somente numa eclesiologia integral, na qual as diversas vocações são acolhidas no interior do único Povo de convocados, a vocação à vida consagrada pode redescobrir a sua identidade específica de sinal e de testemunho. Hoje em dia, damo-nos cada vez mais conta do facto de que os carismas dos fundadores e das fundadoras, tendo aparecido, pelo Espírito, para bem de todos, devem ser repostos no interior da Igreja, abertos à comunhão e à participação de todos os membros do Povo de Deus”.

Partir de Cristo 31

Já antes, outro documento importante de Roma interpelava e alentava as comunidades religiosas para que a sua ajuda aos demais fosse mais significativa: “... É necessário ter comunidades religiosas com uma clara identidade carismática, assimilada e vivida, ou seja, capazes de transmitir também aos outros disponibilidade para o compartilhar: comunidades religiosas com uma intensa espiritualidade e com um grande entusiasmo missionário para comunicar o mesmo espírito e o mesmo brio evangelizador; comunidades religiosas que saibam animar e estimular os leigos a compartilhar do próprio Instituto conforme a sua índole secular e o seu

diverso estilo de vida, convidando-os a descobrir novas formas de actualizar o próprio carisma e missão. Desta maneira a comunidade religiosa pode converter-se num centro de irradiação, de força espiritual, de animação, de fraternidade e de comunhão e colaboração eclesial onde as diversas ofertas contribuem para a construção do Corpo de Cristo que é a Igreja” (VFC 70).

“Se noutros tempos foram principalmente os religiosos e as religiosas que criaram, nutriram espiritualmente e dirigiram formas de agremiação de leigos, hoje, graças a uma sempre maior formação do laicado, pode haver uma ajuda recíproca que favoreça a compreensão da especificidade e da beleza de cada um destes estados de vida. A comunhão e a reciprocidade na Igreja nunca se estabelecem num único sentido. Neste novo clima de comunhão eclesial, os sacerdotes, religiosos e leigos, longe de ignorar-se reciprocamente ou de organizar-se somente tendo em vista actividades comuns, podem encontrar a relação justa de comunhão e uma renovada experiência de fraternidade evangélica e de recíproca emulação carismática, numa complementaridade que respeita sempre a diversidade”.

Partir de Cristo 31

Os religiosos e os leigos necessitam-se mutuamente. Os religiosos recordam aos leigos “que este mundo pode ser transformado somente a partir das Bem-aventuranças”. Os leigos, por sua vez, ajudam os religiosos no seu caminho espiritual e pastoral desde a “sua dimensão secular de compromisso no temporal”. João Paulo II o resumirá em duas frases:

“Em qualquer actividade ou ministério em que estejam empenhadas, as pessoas consagradas lembrem-se de que não-de ser primariamente guias especializados de vida espiritual, e, nesta perspectiva, cultivem «o talento mais precioso: o espírito» (LG 31). Os leigos, por sua vez, ofereçam às famílias religiosas a ajuda preciosa da sua secularidade e do seu serviço específico” (VC 55).

Animar o ministério laical desde a sua experiência fundante e vigorosa espiritualidade é o serviço mais valioso que os leigos esperam dos religiosos. Encarnar e inculturar mais e melhor a sua vida e a sua missão no coração do mundo, resgatando a dimensão secular de toda a Igreja, é a ajuda mais significativa que os religiosos esperam dos leigos. Como homens e mulheres dedicados a amar e servir a Deus em todas as coisas, os religiosos deverão ajudar os leigos a reconhecer e discernir as dimensões apostólicas da sua vida e trabalho. Como homens e mulheres metidos como fermento do Evangelho nas realidades temporais, os leigos deverão ajudar os religiosos a conhecer mais e melhor o mundo em que lhes toca viver e para o servir melhor.

Que formas jurídicas vão encarnar este espírito de colaboração e comunhão? O discernimento em fraternidade e a experiência nos irão revelando os melhores caminhos.

Em comunhão com os leigos

A comunhão experimentada entre os consagrados leva a uma abertura cada vez maior com outros membros da Igreja. Hoje descobre-se cada vez mais o facto de que os carismas dos fundadores e das fundadoras, tendo surgido para o bem de todos, devem ser novamente postos no centro da mesma Igreja, abertos à comunhão e à participação de todos os membros do Povo de Deus.

Nesta linha podemos constatar que já se está estabelecendo um novo tipo de comunhão e de colaboração no interior das diversas vocações e estados de vida, sobretudo entre consagrados e leigos. Os Institutos monásticos e contemplativos podem oferecer aos leigos uma relação preferentemente espiritual e os necessários espaços de silêncio e oração. Os Institutos comprometidos na dimensão apostólica podem comprometê-los em formas de cooperação pastoral. Os membros dos Institutos seculares, leigos e clérigos, entram em contacto com os outros fiéis nas formas ordinárias da vida quotidiana (cf.VC 54).

“Hoje alguns Institutos, frequentemente por imposição das novas situações, chegaram à convicção de que o seu carisma pode ser partilhado com os leigos. E assim estes são convidados a participar mais intensamente na espiritualidade e missão do próprio Instituto. Pode-se dizer que, no rasto de experiências históricas como a das diversas Ordens seculares ou Ordens Terceiras, se iniciou um novo capítulo, rico de esperanças, na história das relações entre as pessoas consagradas e o laicado” (VC 54).

A novidade destes anos encontra-se sobretudo no pedido por parte de alguns leigos de participar nos ideais carismáticos dos Institutos. Têm nascido iniciativas interessantes e novas formas institucionais de associação aos Institutos. Estamos a assistir a um autêntico florescimento de antigas instituições, como são as Ordens seculares ou Ordens Terceiras, e ao nascimento de novas associações laicais e movimentos em torno das Famílias religiosas e dos Institutos seculares. Se a colaboração aparecia às vezes, também no passado recente, em termos de suplência pela carência de pessoas consagradas necessárias para o desenvolvimento das actividades, agora nasce pela exigência de partilhar as responsabilidades não só na gestão das obras do Instituto, mas sobretudo na aspiração a viver aspectos e momentos específicos da espiritualidade e da missão do Instituto. Pede-se, portanto, uma adequada formação dos consagrados, assim como dos leigos, para uma recíproca e enriquecedora colaboração.

Se noutros tempos foram sobretudo os religiosos e as religiosas os que criaram, alimentaram espiritualmente e dirigiram os leigos, hoje, graças a uma sempre maior formação do laicado, pode ser uma ajuda recíproca que favoreça a compreensão da especificidade

da beleza de cada um dos estados de vida. A comunhão e a reciprocidade na Igreja não são nunca em sentido único. Neste novo clima de comunhão eclesial os sacerdotes, os religiosos e os leigos, longe de se ignorarem mutuamente ou de se organizarem somente em vista de actividades comuns, podem encontrar a relação justa de comunhão e uma renovada experiência de fraternidade evangélica e de mútua emulação carismática, numa complementaridade sempre respeitosa da diversidade.

Uma dinâmica eclesial semelhante redundará em benefício da mesma renovação e da identidade da vida consagrada. Quando se aprofunda a compreensão do carisma, sempre se descobrem novas possibilidades de actuação.

”Este contrato quisera eu que fizéssemos os cinco que ao presente nos amamos em Cristo. Como outros que nestes tempos se juntavam em segredo para ir contra Sua Majestade e ordenar maldades e heresias, procurássemos nós juntarmo-nos alguma vez para nos desenganarmos uns aos outros e dizer em que nos poderíamos emendar e contentar mais a Deus. Não há quem tão bem se conheça a si mesmo como nos conhecem os que nos estão olhando, se é com amor e cuidado do nosso aproveitamento”

Santa Teresa

Estes cinco eram: Garcia de Toledo, Francisco de Salcedo, Domingo Bañez, o mestre Daza e D. Guiomar de Ulloa.

Fraternidade de S. João da Cruz — Paços de Ferreira —

No dia 23, na Missa das 11 Horas, farão as suas Promessas definitivas 11 irmãos; 3 farão as primeiras Promessas; 5 renovarão pela 3ª vez as Promessas e 3 pela 2ª vez. A cerimónia será presidida pelo nosso Provincial, P. Alpoim Alves Portugal. Aproveitamos para convidar os irmãos de outras fraternidades a estarem presentes, o que muito nos honra.

X Encontro da Ordem Secular do Carmelo Teresiano

Fátima – Centro Catequético
de 4 a 6 de Abril

A história do burro

Um dia, o burro de um aldeão caiu a um poço.

O animal zurrrou fortemente durante algumas horas, enquanto o dono procurava ajuda para o retirar. Não a encontrando, acabou por decidir que, sendo o burro já velho e estando o poço já seco, o melhor era tapar o poço e por isso não valia a pena tirar o burro.

Convidou então todos os vizinhos para o ajudarem. Cada um pegou numa pá e começaram a atirar terra para dentro do poço. O burro, ao ver o que se estava passar, começou desesperadamente a zurrar.

Mas, pouco depois, para surpresa de todos, calou-se, e só se ouvia o som das pazadas de terra a cair.

O aldeão, que ia olhando para o fundo do poço, ficou surpreendido com o que viu: o burro estava a fazer uma coisa incrível. Sacudia a terra que lhe ia caindo nas costas e dava mais um passo para cima da terra. Rapidamente, todos viram com espanto como o burro chegou à boca do poço, saltou por cima dos bordos e partiu a trotar...

A vida vai-te atirar muita terra para cima, terra de todos os géneros.

O segredo para saíres do teu poço é sacudi-la e usá-la para dares um passo para cima. Cada um dos nossos problemas é um degrau para subir.

Assim, podemos sair dos vazios mais profundos se não nos dermos por vencidos...

Usa a terra que te atiram para caminhares em frente.

Recordo-te cinco “regras de ouro” para seres feliz:

- 1.ª Liberta o teu coração do ódio.
- 2.ª Liberta a tua mente das preocupações.
- 3.ª Simplifica a tua vida.
- 4.ª Dá mais e espera menos.
- 5.ª Ama mais e ... sacode a terra, porque nesta vida é preciso ser solução e não problema.



Boletim informativo das Fraternidades da Ordem Secular da Província Portuguesa de Nossa Senhora do Carmo dos Carmelitas Descalços * Fotocomposição: P. Pedro Lourenço Ferreira * Responsável da publicação: P. Jeremias Carlos Vechina * Sede: Rua de Gondarém, 274 - 4150-371 PORTO * Tel. 226181683 - Fax 226189391 * jeremiasvechina@mail.telepac.pt; Sítio: www.carmelitas.pt